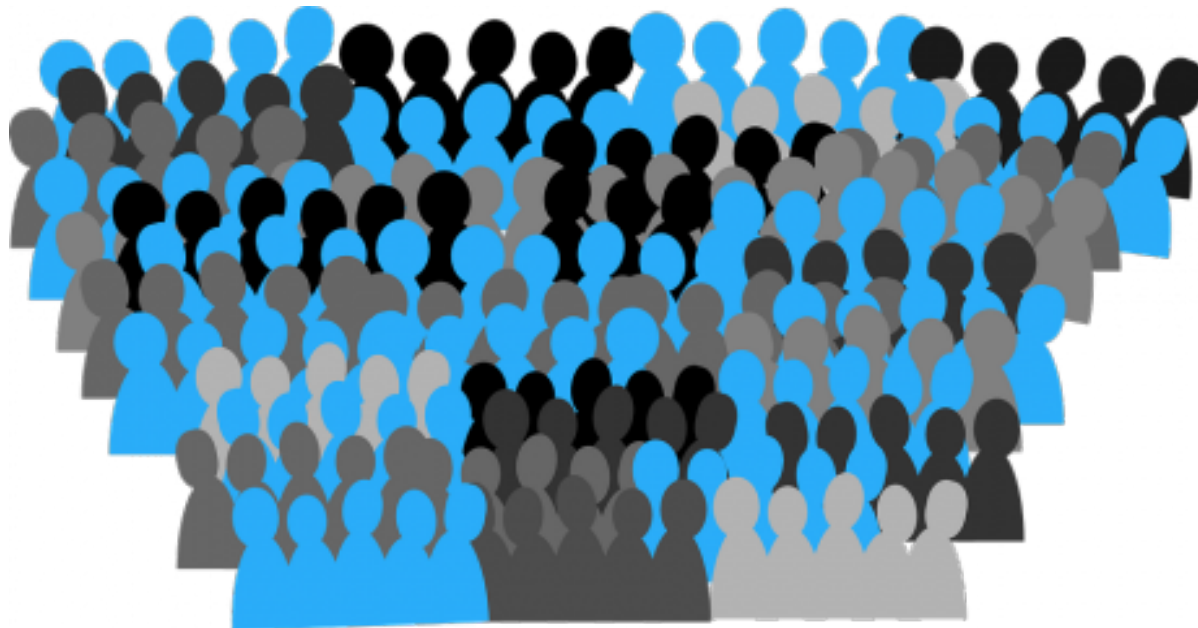


3. «Plataformas digitais e democracia» por Ricard Espelt e Mònica Garriga⁴



As plataformas digitais são um instrumento para democratizar a participação porque superam as tiranias do espaço e tempo tradicionais. Mas o seu impacto no envolvimento dos cidadãos varia consideravelmente.

⁴ Artigo original publicado em Democracia Abierta (23.05.2017), intitulado «[Plataformas digitais e democracia](#)».

Fonte da imagem: Pixabay. Domínio público.

O impacto gerado pelas plataformas digitais nos últimos anos afeta todos os âmbitos e tipos de organização. Desde a produção ao consumo, desde os partidos políticos aos movimentos sociais, desde as empresas à Administração Pública, os sindicatos, a universidade ou os meios de comunicação. A disrupção é transversal e interjuncional. A autogestão por parte do utilizador e a desintermediação são sem dúvida, as grandes cartas comuns – pelo menos discursivamente – de todas elas. As pessoas, através da tecnologia, têm mais capacidade para participar ativamente nos processos que se vinculam a uma determinada atividade. Por isso, falamos muitas vezes das plataformas digitais como um instrumento para democratizar a participação, já que as mesmas superam as tiranias do espaço e tempo tradicionais. De qualquer forma, se as analisarmos em detalhe e nos focarmos nas organizações que as promovem, dar-nos-emos conta que a melhoria da participação democrática tem vários níveis de cumprimento e abordagens, com lógicas diametralmente diferentes.

O ADN da iniciativa é o código aberto, a inovação e a sociedade dos bens comuns. Lançada em 2013, uma série de campanhas de microfinanciamento, com centenas de milhares de euros de capital angariado, permitiram o seu desenvolvimento. Apesar de que a dimensão da proposta, com mais de 12.000 membros e dois milhões de produtos, é global, a sua lógica é local. Com esta determinação, Fairmondo começou a configurar-se como uma federação de cooperativas locais em todos os países onde se estabelece uma organização. Ao contrário da Amazon, a governança democrática tem um papel chave no seu funcionamento.

A partir deste caso paradigmático, podemos observar diferentes tipologias de plataformas tecnológicas que estão determinadas, com frequência, pelo modelo económico que promovem. Neste sentido, podemos ligar o papel da tecnologia como um espaço de interação entre iguais (P2P) com a emergência da Economia Colaborativa. Em qualquer caso, ao tentar realizar uma análise crítica, como assinala [Mayo Fuster](#), é fundamental perguntarmo-nos pelo modelo de negócio (basicamente, para distinguir projetos sem fins lucrativos de projetos lucrativos), o tipo de tecnologia (de código aberto ou fechado; quer dizer, replicável democraticamente ou não) e pelo acesso ao conhecimento gerado (para observar se são dados públicos ou privados). Nesta trilogia podemos situar uma nova dimensão: a governabilidade da plataforma que, quase sempre, está intrinsecamente ligada à organização que a promove. Por este motivo, parece-nos imprescindível que, no momento de situar o papel democratizador de uma plataforma tecnológica, analisemos de forma holística a sua aproximação económica, social e política. A revisão crítica de cada projeto é especialmente pertinente num campo de jogo onde já não só a cidadania atua como consumidora de produtos ou serviços, mas também como produtora ou oferecendo os seus próprios bens. Nalguns casos, já se denunciou o facto de que algumas plataformas digitais geram precarização e desproteção laboral entre aqueles que oferecem serviços por esta via. A aplicação da Uber exemplifica este risco. O impacto social comunitário derivado também não pode permanecer alheio à valorização em termos de democratização. Neste sentido, um novo caso paradigmático como é Airbnb mostra o impacto, em termos de deslocalização cidadã, que provoca a sua atividade. Quer dizer, além de observar a plataforma como um instrumento para a troca de casas entre iguais, temos que analisar em detalhe o seu uso real e o seu impacto social e económico.

Em resumo, o cooperativismo de plataforma ou aberto, [já seja centrando-se na força social dos valores cooperativistas ou na necessidade de reapropriação dos bens comuns](#), apela a uma revisão detalhada e crítica das plataformas digitais na sua ação local. Esta abordagem abstrai-se das análises globais do impacto da tecnologia que, por vezes, camuflam a réplica de modelos (com grande similitude a organizações verticais e hierárquicas) que geram ambientes digitais pouco democráticos.

La Teixidora, uma plataforma digital democrática

Uma vez observados os riscos da valorização parcial do impacto da tecnologia e as chaves para a sua análise, voltemos ao ponto de partida: a democratização da participação. Determinada a relevância da avaliação local de ferramentas digitais globais, vejamos agora no caso da plataforma digital multimédia [La Teixidora](#), que – devido à sua caracterização – permite sintetizar os aspetos que configuram, no nosso entender, a participação democrática.

Esta iniciativa, que se pôs em movimento a princípios de 2016 em Barcelona, organiza a estrutura colaborativa, em tempo real, com o objetivo de cartografar o conhecimento distribuído gerado em diferentes partes da cidade durante conferências, reuniões, workshops e outros formatos de reuniões offline vinculados à tecnopolítica e ao pró-comum. Para isso, apropria-se de várias ferramentas (editor colaborativo, wiki, espaços de armazenamento de conteúdos) de código aberto. Além disso, utiliza uma licença de [Creative Commons](#) que, reconhecendo a autoria, permite que qualquer pessoa possa adaptar os conteúdos, inclusive utilizá-los comercialmente. Duas aplicações significativas ilustram o valor das suas funcionalidades, à volta da democratização da participação:

1. La Teixidora cobriu, com a participação de cerca de vinte pessoas, o debate de [Economies Colaboratives Procomuns](#) (março, 2016) que, uma vez classificadas, foram transferidas para a plataforma [Decidim Barcelona](#), que foi utilizada para definir, através de um amplo processo participativo, o Plano de Ação Municipal do Câmara da Cidade.
2. Ao mesmo tempo, a ferramenta serviu para seguir as quinze equipas que seguiram o programa de desenvolvimento económico [La Comunicadora](#), que tem como objetivo promover projetos de transformação social, incentivando, por sua vez, o empreendedorismo. Através de La Teixidora, as pessoas participantes puderam estabelecer um espaço de troca de conhecimento entre elas, com os mentores, com os gestores públicos e com a cidadania em geral. Os conteúdos são abertos e reutilizáveis.

Resumindo, ambos os processos, graças à plataforma, não só nutrem propostas, como configuram um espaço de aprendizagem aberto. Por sua vez, cartografando a participação, prestam contas de forma transparente, o que melhora a qualidade democrática do processo impulsionado pela Administração Pública. Ao mesmo tempo, a informação e aprendizagem à volta do seu uso está a servir para redesenhar a própria plataforma tecnológica e adequá-la às necessidades das suas comunidades.